

KARL OVE KNAUSGÅRD

Um outro amor

Minha luta 2

Tradução do norueguês
Guilherme da Silva Braga



Copyright © 2009 by Forlaget Oktober A/S

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Min Kamp 2

Capa

warrakloureiro

Imagen de capa

Peter Marlow/ Magnum Photos/ Latinstock

Preparação

Márcia Copola

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Jane Pessoa

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Knausgård, Karl Ove

Um outro amor : minha luta 2 / Karl Ove Knausgård ;
tradução do norueguês Guilherme da Silva Braga. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original : Min Kamp 2

ISBN 978-85-359-2399-5

1. Literatura norueguesa 2. Romance autobiográfico
1. Título.

14-01784

CDD-839.823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norueguesa 839.823

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

29 de julho de 2008

O verão foi longo, e ainda não acabou. No dia 26 de junho eu terminei a primeira parte do meu romance, e desde então, por mais de um mês, Vanja e Heidi estão de férias do jardim de infância, com toda a intensa rotina que isso inclui. Nunca entendi o sentido das férias, nunca precisei delas, sempre tive apenas vontade de trabalhar mais. Mas se não há jeito, não há jeito. O plano era passar a primeira semana na cabana que Linda nos convenceu a comprar no outono passado, que devia funcionar em parte como lugar para escrever, em parte como lugar de férias, mas depois de três dias abandonamos a ideia e voltamos para a cidade. Reunir três crianças pequenas e dois adultos em um espaço pequeno com outras pessoas por todos os lados sem ter nada para fazer além de capinar o jardim e cortar a grama não é exatamente uma boa ideia, em especial quando o clima que reina é desarmônico desde o início. Discutimos aos gritos por diversas vezes no pátio, segundo imagino para a grande diversão dos vizinhos, e o sentimento causado pelas centenas de jardins cultivados meticulosamente, somado àquele monte de pessoas velhas

e seminuas, me deixou irritado e claustrofóbico. Esses temperamentos logo são percebidos e aproveitados pelas crianças, em especial por Vanja, ela reage de maneira quase imediata a variações de tom e de intensidade, e ao sinal de qualquer alteração começa a fazer aquilo que sabe que nós menos gostamos, e que sempre nos faz perder a paciência depois de um tempo. Para uma pessoa já cheia de frustrações é quase impossível se defender, então seguimos assim, em meio a gritos e berros e tristezas. Na semana seguinte alugamos um carro e fomos até Tjörn, nos arredores de Gotemburgo, para a casa de verão do namorado de Mikaela, que é amiga de Linda e madrinha de Vanja. Perguntamos se ela sabia como era ter três crianças por perto e se tinha certeza de que nos queria por lá e ela confirmou, disse que tinha pensado em fazer pães e biscoitos com as crianças e em levá-las para tomar banho e pescar caranguejos para que pudéssemos ter um tempinho para nós dois. Mordemos a isca. Lá fomos nós em direção a Tjörn, até a casa de verão, no coração de um cenário maravilhoso que me fez lembrar de Sørlandet, estacionamos e entramos com as crianças e espalhamos todas as nossas coisas pela casa. A ideia era passar uma semana inteira lá, mas três dias mais tarde pusemos as malas no carro e refizemos o caminho em direção ao sul, para o evidente alívio de Mikaela e de Erik.

As pessoas que não têm filhos raramente entendem como é, independente da maturidade ou da inteligência, pelo menos comigo foi assim antes que eu tivesse filhos. Mikaela e Erik são pessoas focadas na carreira, desde que conheço Mikaela ela só ocupou cargos de destaque na esfera cultural, enquanto Erik é diretor de uma ou outra fundação internacional com sede na Suécia. Depois de Tjörn ele teria uma reunião no Panamá antes de tirar outras férias em Provença, a vida deles é assim, os lugares que conheço apenas das minhas leituras são portas abertas para os dois. No meio disso tudo nós chegamos com lenços umedecidos e fraldas, com John, que engatinha por toda parte, com Heidi e Vanja, que brigam e gritam, acham graça e riem, que nunca sentam à mesa para comer, nunca fazem o que a gente pede, ou pelo menos não quando estamos na casa dos outros e *queremos* que se comportem, porque sabem que, quanto maior a importância para nós, mais incontroláveis ficam, e mesmo que a casa de verão fosse grande e espaçosa ela não era grande e espaçosa o suficiente para que as duas passassem despercebidas. Erik agiu como se não tivesse medo de nenhuma das coisas que estavam dentro da

casa, tentou parecer generoso e amigável com as crianças, mas o tempo inteiro era desmentido pela linguagem corporal, pelos braços próximos ao corpo, pela maneira como passava o tempo inteiro recolocando as coisas no lugar e pela grande distância que tinha no olhar. Estava próximo das coisas e do lugar que havia conhecido ao longo de uma vida inteira, mas longe das pessoas que o ocupavam naquele instante, e via tudo aquilo mais ou menos como alguém que olha para uma toupeira ou para um ouriço-do-mato. Eu o compreendia, e também gostava dele. Mas ao mesmo tempo cheguei junto com tudo aquilo, e um encontro real era impossível. Erik era formado em Cambridge e em Oxford e tinha trabalhado muitos anos como corretor no mundo financeiro de Londres, mas durante um passeio levou Vanja a um paredão à beira-mar e deixou-a escalar à vontade alguns metros adiante enquanto permanecia imóvel admirando a vista sem levar em conta que ela tinha apenas cinco anos e não sabia avaliar os riscos, e então precisei correr levando Heidi nos braços para assumir o comando. Quando meia hora mais tarde nos sentamos em um café, eu com as pernas duras por conta da corrida inesperada morro acima, e pedi a ele que desse a John pedacinhos de um pão que estava logo ao lado, já que eu tinha que cuidar de Heidi e de Vanja ao mesmo tempo em que dava comida para as duas, Erik acenou a cabeça, disse que faria aquilo sem problemas, mas não dobrou o jornal que estava lendo, ou pelo menos não o largou de vez, e assim não percebeu quando John, a meio metro de distância, começou a ficar cada vez mais irritado e por fim gritou até ficar com a cara toda vermelha de frustração porque o pedaço que queria estava no campo de visão dele mas longe do alcance. A situação deixou Linda muito irritada no outro lado da mesa, eu notei, mas ela guardou tudo para si, não comentou nada, esperou até que saíssemos e estivéssemos a sós e então disse que tínhamos que ir para casa. Já. Acostumado como estou a esses caprichos eu disse que ela tinha mais era que calar a boca e não tomar esse tipo de decisão num mau humor daqueles. Claro que ela ficou ainda mais mal-humorada, e assim continuamos até a hora em que entramos no carro para ir embora na manhã seguinte.

O céu limpo e azul e o panorama escarpado e arrasado pelo vento, porém mesmo assim bonito, somados à alegria das crianças e ao fato de que estávamos dentro de um carro, e não em uma cabine de trem nem a bordo de um avião, que tinham sido os meios de transporte empregados nas viagens

dos últimos anos, deixaram o clima mais leve, mas não demorou até que tudo começasse outra vez, afinal precisávamos comer, e o restaurante que encontramos e onde estacionamos pertencia a um clube de iatismo, mas, segundo me informou o garçom, se atravessássemos a ponte chegaríamos à cidade, e lá, a cerca de quinhentos metros, tinha um outro restaurante, e assim vinte minutos mais tarde estávamos em uma ponte alta e estreita, mas com tráfego intenso, arrastando dois carrinhos de bebê, famintos e com nada além de uma zona industrial à vista. Linda estava furiosa, tinha os olhos pretos, a gente sempre acabava em situações daquele tipo, ela disse bufando, ninguém fazia aquele tipo de coisa, não nos restava mais nada, nós precisávamos comer, a família inteira, aquele podia ter sido um momento de aconchego, mas em vez disso estávamos no meio de um vendaval, rodeados por carros que passavam em alta velocidade e no meio de uma nuvem de fumaça de escapamento naquela ponte do inferno. Será que alguém já tinha visto uma família com três crianças pequenas fazer um passeio daquele jeito? Seguimos pela estrada e acabamos chegando a uma porta de metal com o logo de uma companhia de segurança. Para entrar na cidade, que como se não bastasse parecia triste e decadente, precisamos dar uma volta de pelo menos quinze minutos pela zona industrial. Tive vontade de abandoná-la, porque ela sempre reclamava, sempre queria outra coisa, mas nunca fazia nada para mudar, simplesmente reclamava, reclamava, reclamava, nunca encarava a situação da maneira como era, e quando a realidade não correspondia à expectativa era a mim que ela criticava, tanto nas coisas pequenas quanto nas grandes. Acho que teríamos nos separado naquele instante, mas como sempre a logística nos manteve juntos, tínhamos apenas um carro e dois carrinhos de bebê, então o jeito era simplesmente fazer de conta que tudo o que foi dito não tinha sido dito, enfim, e levar os carrinhos manchados e batidos para o outro lado da ponte até o belo clube de iatismo, colocá-los no carro e afivelar as crianças depressa para então dirigir até o McDonald's mais próximo, que ficava em um posto de gasolina nos arredores do centro de Gotemburgo, onde eu sentei em um banco para comer um cachorro-quente enquanto Vanja e Linda comiam juntas dentro do carro. John e Heidi estavam dormindo. O passeio por Liseberg foi cancelado, porque serviria apenas para deixar o clima entre nós dois ainda pior, e em vez disso horas mais tarde estacionamos por impulso em um tal de “mundo

da fantasia” barato e decrépito, onde tudo era da pior qualidade possível, e levamos as crianças a um “circo” composto de um cachorro que pulava por dentro de argolas erguidas à altura de um joelho, por uma mulher forte e de aspecto másculo, provavelmente de algum lugar do Leste Europeu, que estava apenas de biquíni e jogava essas mesmas argolas para cima antes de apará-las ao redor da cintura, um número que todas as meninas da minha época de escola sabiam fazer, e por um homem loiro da minha idade com sapatos pontudos, turbante e pneus caindo por cima das calças harém que encheu a boca de gasolina e por quatro vezes cuspiu fogo em direção ao teto baixo. Os olhos de John e de Heidi deram a impressão de que podiam saltar para fora das órbitas de tão arregalados. Vanja pensava apenas na tenda de prêmios que tínhamos deixado para trás, onde se podia ganhar bichos de pelúcia, e não parava de me cutucar e de perguntar se a apresentação já tinha acabado. De vez em quando eu olhava para Linda. Ela estava sentada com Heidi no colo e tinha lágrimas nos olhos. Quando saímos e começamos a descer em direção ao minúsculo parque de diversões, empurrando cada um o seu carrinho, ao lado de uma grande piscina com um longo tobogã que tinha no alto um enorme *troll* com cerca de trinta metros de altura sentado em um trono, perguntei por quê.

- Não sei — ela respondeu. — Mas o circo sempre me comove.
- Por quê?
- Ah, é tão triste, tão pequeno e barato. E ao mesmo tempo tão bonito.
- Esse aqui também?
- Também. Você não viu a Heidi e o John? Os dois estavam hipnotizados.
- Mas a Vanja não — disse eu com um sorriso. Linda também sorriu.
- O quê? — disse Vanja se virando. — O que você disse, papai?
- Eu só disse que você não conseguia parar de pensar no bicho de pelúcia que tinha visto lá embaixo enquanto a gente estava no circo.

Vanja sorriu como sempre fazia quando falávamos sobre alguma coisa que ela tinha feito. Satisfeita, mas também entusiasmada, cheia de disposição para o que viesse a seguir.

- O que eu fiz? — ela perguntou.
- Você ficou cutucando o meu braço — eu disse. — E disse que queria pegar o prêmio naquela mesma hora.

— Por quê? — ela perguntou.

— Como vou saber? — respondi. — Você queria muito um bicho de pelúcia.

— Vamos para lá? — ela perguntou.

— Vamos — eu disse. — Fica lá embaixo.

Apontei para a estradinha de asfalto, em direção aos brinquedos do parque de diversões que eu mal conseguia ver do outro lado das árvores.

— A Heidi pode ir comigo?

— Se ela quiser, pode — Linda respondeu.

— Ela quer — disse Vanja enquanto se inclinava por cima de Heidi, que estava dentro do carrinho. — Você não quer, Heidi?

— Quero — disse Heidi.

Tivemos que gastar noventa coroas na barraca de prêmios até que as duas tivessem um ratinho de brinquedo nos braços. O sol brilhava no céu, o ar estava imóvel na floresta, todos os cliques e ruídos imagináveis que saíam dos aparelhos misturavam-se à música disco dos anos 1980 que saía das tendas à nossa volta. Vanja queria algodão-doce, então dez minutos mais tarde estávamos junto à mesa de um quiosque, cercados por vespas irritadas e próximas, no mormaço do sol que fazia o algodão-doce grudar em tudo o que estava perto, ou seja, na superfície da mesa, atrás do carrinho, nos braços e nas mãos, tudo para a audível irritação das crianças, não foi naquilo que elas pensaram quando viram o recipiente cheio de açúcar rodopiante no quiosque. Meu café estava amargo e quase intragável. Um garotinho sujo pedalou com o triciclo em nossa direção, bateu de frente no carrinho de Heidi e nos olhou com uma expressão cheia de expectativa. Tinha olhos e cabelos castanhos, podia ser romeno ou albanês ou quem sabe grego. Depois de bater com a roda mais algumas vezes no carrinho o garoto manobrou de maneira a impedir que saíssemos e depois parou, dessa vez com o olhar fixo no chão.

— Vamos embora? — perguntei.

— A Heidi queria andar a cavalo — disse Linda. — Será que podemos fazer isso antes?

Um homem forte com orelhas de abano, também moreno, apareceu e levantou o menino do triciclo e o levou até a frente do quiosque, afagou-lhe duas ou três vezes a cabeça e seguiu na direção do polvo mecânico que operava. Nos tentáculos havia cadeirinhas que subiam e desciam enquanto

giravam devagar. O garoto começou a pedalar de um lado para outro naquele lugar, onde pessoas em trajes de verão saíam e chegavam a todo instante.

— Claro — eu disse, e então me levantei, peguei o algodão-doce de Vanja e de Heidi, atirei tudo aquilo num cesto de lixo e comecei a empurrar o carrinho de John, que virava a cabeça de um lado para outro a fim de ver tudo o que estava acontecendo no lugar onde estávamos e também mais ao longe, no caminho que levava em direção ao “vilarejo do Velho Oeste”. Mas no “vilarejo do Velho Oeste”, que era um monte de areia com três barracos recém-construídos onde se lia respectivamente “mina”, “xerife” e “prisão”, estes dois últimos cheios de cartazes de “procurado vivo ou morto”, cercado de um lado por bétulas e do outro por uma rampa onde umas crianças andavam em pranchas com rodinhas, o passeio a cavalo estava fechado. Na cerca um pouco depois da “mina” a artista circense do Leste Europeu estava sentada em uma pedra fumando.

— Cavalo! — disse Heidi olhando ao redor.

— Vamos tentar aquele passeio de burro lá perto da entrada — Linda pediu.

John jogou a mamadeira com água no chão. Vanja passou por baixo da cerca e correu em direção à mina. Quando Heidi percebeu, saiu do carrinho e correu atrás da irmã. Eu vi uma máquina de refrigerante vermelha e branca por trás do escritório do xerife, enfiei a mão no bolso da minha bermuda e fiquei olhando para o que encontrei: duas borrachinhas de cabelo, um grampo de cabelo com uma folha de maconha, um isqueiro, três pedras e três pequenas conchas que Vanja tinha juntado em Tjörn, uma nota de vinte coroas, duas de cinco e nove moedas de um.

— Enquanto isso vou fumar um cigarro — eu disse. — Vou me sentar ali.

Acenei a cabeça em direção a um toco de árvore um pouco mais adiante. John ergueu os dois braços.

— Tudo bem — Linda disse enquanto o pegava no colo. — Você está com fome, John? Nossa, que calor. Será que não encontro uma sombra em algum lugar? Alguns lugares onde eu possa me sentar com ele?

— Lá no alto — eu disse, apontando para cima em direção ao restaurante, que tinha o formato de um trem, com o balcão na locomotiva e as mesas nos vagões. Não havia uma pessoa sequer lá em cima. As cadeiras estavam com o encosto apoiado nas laterais das mesas.

— Eu vou para lá — disse Linda. — Dar um pouco de peito para ele. Você fica de olho nas meninas?

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça, fui até a máquina de refrigerante, me sentei no toco de árvore, acendi um cigarro e olhei para o barraco construído às pressas, onde Vanja e Heidi entravam e saíam pela porta.

— Tá muito escuro lá dentro! — Vanja gritou. — Vem ver!

Ergui a mão e pisquei o olho para ela, o que por sorte bastou para acalma-la. Durante todo esse tempo ela continuava apertando o ratinho contra o peito com uma das mãos.

A propósito, onde estaria o ratinho de Heidi?

Deixei que meus olhos corressem morro acima. Avistei-o próximo ao escritório do xerife, com a cabeça enterrada na areia. Lá em cima, no restaurante, Linda arrastou uma cadeira até encostá-la na parede, sentou e começou a amamentar John, que no início esperneou um pouco mas depois se deitou bem quietinho. A mulher do circo estava subindo o morro. Uma mutuca picou minha perna. Dei um tapa com tanta força que ela virou mingau na minha pele. O cigarro tinha um gosto pavoroso naquele calor, mas continuei a tragar a fumaça para dentro dos pulmões com vontade e olhei para cima em direção à copa dos espruces, de um verde tão intenso que chegava a refletir o sol. Uma outra mutuca pousou na minha perna. Irritado, dei mais um tapa, me levantei, joguei o cigarro no chão e caminhei em direção às meninas com a lata meio cheia de refrigerante ainda gelado na mão.

— Papai, vá para os fundos enquanto a gente entra na casa, aí você vê se consegue nos ver pelas frestas, tá? — disse Vanja apertando os olhos enquanto falava comigo.

— Tudo bem — eu disse e então dei a volta no barraco. Eu as ouvi rindo e fazendo bagunça lá dentro. Inclinei a cabeça para junto de uma fresta e espiei para dentro. Mas a diferença entre a luz externa e a luz interna era tão grande que não consegui ver nada.

— Papai, você tá aí fora? — gritou Vanja.

— Estou — respondi.

— E você tá nos vendo?

— Não. Vocês ficaram invisíveis?

— Ficamos!

Quando as duas saíram, fingei que eu não conseguia vê-las. Fixei o olhar em Vanja enquanto chamava o nome dela.

— Eu estou *aqui* — ela disse, abanando as mãos.

— Vanja? — repeti. — Para onde você foi? Venha para cá, isso já perdeu a graça.

— Eu estou aqui! Aqui!

— Vanja...?

— Você não me vê de verdade? Eu estou invisível de verdade?

A voz soou infinitamente satisfeita, mas ao mesmo tempo percebi uma certa inquietação. No mesmo instante John começou a gritar. Eu olhei para cima. Linda estava com John no colo. Não era comum que gritasse daquele jeito.

— Ah, aí está você! — eu disse. — Você estava aí esse tempo todo?

— Es-ta-va — respondeu ela.

— Você viu que o John está chorando?

Vanja acenou a cabeça e olhou para cima.

— Está na hora de ir embora — eu disse. — Vamos.

Tentei pegar a mão de Heidi.

— Não quero — disse ela. — Não quero dar a mão.

— Tudo bem — eu disse. — Mas pelo menos entre no carrinho.

— Não quero carrinho — ela disse.

— Você quer que eu te carregue?

— Não quero que você me carregue — ela respondeu.

Desci um pouco e busquei o carrinho. Quando voltei ela tinha subido na cerca. Vanja estava sentada no chão. No alto do morro Linda tinha saído do restaurante, ela estava descendo o caminho e olhou para baixo, fazendo um sinal para nos chamar até onde estava. John continuava gritando.

— Eu não quero caminhar — Vanja disse. — Estou com as pernas cansadas.

— Você mal andou um metro o dia inteiro — eu disse. — Como pode estar com as pernas cansadas?

— Eu não tenho pernas. Você precisa me levar.

— Não, Vanja, que besteira. Você sabe que eu não posso levar você.

— Pode sim.

— Entre no carrinho, Heidi — pedi. — E aí vamos andar de burro.

— Não quero carrinho — ela disse.

— Eu não tenho peernas! — Vanja insistiu. Essa última frase foi dita aos gritos.

A raiva tomou conta de mim. A vontade era de erguer as duas e carregá-las uma enfiada debaixo de cada braço, bem apertadas. Já tinha acontecido mais de uma vez de eu ir embora com as duas se debatendo e gritando debaixo dos braços sem demonstrar nenhuma emoção para os transeuntes, que sempre olhavam com grande interesse quando fazíamos essas cenas, como se eu estivesse usando uma máscara de macaco ou algo parecido.

Mas naquele instante consegui me controlar.

— Você pode se sentar no carrinho, Vanja? — perguntei.

— Posso se você me levantar — ela respondeu.

— Não, você mesma vai se levantar.

— Não — ela disse. — Eu não tenho pernas.

Se eu não me curvasse, ficaríamos lá até a manhã seguinte, pois se por um lado Vanja não tinha paciência e sempre desistia ao encontrar o menor obstáculo, por outro lado era infinitamente teimosa no que dizia respeito às suas próprias vontades.

— Está bem — eu disse, erguendo-a até o carrinho. — Você ganhou mais uma vez.

— Ganhei o quê? — ela quis saber.

— Nada — respondi. — Venha, Heidi, vamos embora.

Tirei-a da cerca e, depois de dois ou três “não, não quero” ditos sem muita convicção, começamos a subir o morro, Heidi nos meus braços, Vanja no carrinho. Durante o trajeto peguei o ratinho de Heidi, limpei a sujeira e o guardei na redinha.

— Não sei o que houve com ele — Linda explicou quando chegamos ao topo. — Simplesmente começou a chorar de repente. Pode ser que uma vespa o tenha picado. Veja aqui...

Ela levantou a blusa de John para me mostrar a barriga dele, onde havia uma pequena marca vermelha. John se debateu nos braços de Linda, com o rosto vermelho e o cabelo úmido de toda aquela gritaria.

— Pobrezinho! — ela disse.

— Já eu fui picado por uma mutuca — disse. — Talvez uma o tenha picado também. Mas coloque-o no carrinho e vamos embora. De qualquer jeito não tem nada que a gente possa fazer agora.

Quando prendemos as fivelas John começou a se retorcer e baixou a cabeça enquanto gritava.

— Precisamos chegar até o carro — eu disse.

— É — Linda respondeu. — Mas antes eu preciso trocar a fralda dele.

Lá embaixo tem um lugar.

Acenei a cabeça e começamos a descer. Já haviam se passado algumas horas desde a nossa chegada, o sol estava mais baixo no céu e alguma coisa na luz que enchia a floresta me fez recordar as tardes de verão em casa, quando eu e meu pai e minha mãe nos levavam para a orla da ilha para tomarmos um banho de mar ou nós mesmos descíamos até o outeiro no estreito logo abaixo do loteamento. Por alguns segundos me ocupei com essas memórias, não sob a forma de acontecimentos concretos, mas como atmosferas, cheiros, impressões. Como a luz, que ao meio-dia era mais branca e mais neutra, começava a ficar mais exuberante e a deixar todas as cores mais escuras. Ah, correr pela estrada em meio à floresta ensombrecida em um verão nos anos 1970! Mergulhar na água salgada e nadar até Gjerstadholmen na outra margem! O sol que reluzia nos escolhos e os deixava quase dourados. A grama dura e seca que crescia nas depressões entre um e outro. O pressentimento das profundezas sob a superfície da água escura à sombra da montanha. Os peixes que nadavam por lá. E a copa das árvores acima das nossas cabeças, com galhos finos que tremulavam com a brisa! A casca fina e por baixo o tronco liso, que mais parecia um osso. A folhagem verde...

— Lá está — disse Linda, indicando com a cabeça uma pequena construção octogonal em madeira. — Você espera aqui?

— Vamos descendo devagar — respondi.

Na parte da floresta para dentro da cerca havia dois gnomos entalhados em madeira. Era assim que o lugar tinha conseguido o status de “mundo da fantasia”.

— Olha, um duneide! — gritou Heidi. “Duneide” era o duende, ou seja, o gnomo. Por muito tempo ela tinha se ocupado com aquela criatura. Na primavera, tinha olhado para a varanda por onde o Papai Noel havia chegado na véspera de Natal e dito “o duneide tá vindo”, e sempre que brincava com um dos presentes fazia questão de explicar de onde tinha vindo. Mesmo assim, não seria fácil determinar que importância o gnomo teria para Heidi, pois quando por acidente viu as roupas do Papai Noel no meu roupeiro entre o Natal e o Ano-Novo, não ficou nem um pouco surpresa ou exasperada, não houve nenhuma revelação, ela simplesmente apontou e gritou “duneide”, como se

fosse naquele lugar que a criatura trocava de roupa, e quando topávamos com o velho mendigo de barba branca que vivia na praça em frente à nossa casa ela às vezes se levantava no carrinho e berrava “duneide” a plenos pulmões.

Eu baixei a cabeça e a beiei na bochecha gorducha.

— Não quero beijo! — ela protestou.

Eu ri.

— Não posso beijar você, Vanja?

— Nah! — ela respondeu.

Um fluxo pequeno mas constante de pessoas passava o tempo inteiro por nós, a maioria vestindo roupas leves, bermudas, camiseta e chinelo, alguns com agasalho e tênis de corrida, muitos deles gordos, e quase nenhum bem-vestido.

— Meu papai na cadeia! — Heidi gritou feliz da vida.

Vanja se virou no carrinho.

— Não, o papai não tá na cadeia! — corrigiu ela.

Ri mais uma vez e parei.

— Precisamos esperar a mamãe aqui um pouco.

O seu papai está na cadeia era uma frase que certas crianças no jardim de infância costumavam dizer umas para as outras. Heidi a achava muito elegante, e costumava usá-la quando queria se gabar de mim. Na última vez em que fomos para a cabana de férias, Linda me contou que ela disse a mesma coisa para uma senhora que estava no banco de trás do ônibus. Meu papai na cadeia. Como eu não estava junto, mas no ponto de ônibus com John, a declaração pairou no ar sem que houvesse nenhuma contradição.

Abaxei a cabeça e enxuguei o suor da minha testa com a manga da camiseta.

— Posso tentar mais uma vez na barraca de prêmios, papai? — Vanja pediu.

— De jeito nenhum — respondi. — Você já ganhou um bicho de pelúcia!

— Por favor, papai! — ela insistiu.

Eu me virei e vi Linda caminhando em nossa direção. John estava de pé no carrinho e parecia satisfeito com o chapéu que estava usando.

— Tudo certo? — perguntei.

— Aham. Eu lavei a picada com água fria. Mas ele está cansado.

- Ele pode dormir no carro — respondi.
- Que horas devem ser?
- Três e meia, talvez?
- Então chegamos em casa umas oito?
- Por aí.

Mais uma vez atravessamos a pequena extensão do parque de diversões, passando pelo navio pirata, uma fachada de madeira decrépita onde se viam homens de apenas um braço ou apenas uma perna com espadas e lenços na cabeça, a cerca das lhamas e a cerca dos avestruzes, a pequena plataforma onde crianças pedalavam em quadriciclos e por fim chegamos à entrada, onde havia um circuito, ou seja, alguns troncos de árvore e algumas paredes de tábua com redes estendidas entre si, uma plataforma de *bungee-jump* e uma pista para andar de burro, onde paramos. Linda pegou Heidi, levou-a até a fila e afivelou o capacete, enquanto Vanja e eu ficamos parados junto à cerca com John, olhando.

Quatro burros estavam na pista, e eram os pais que os puxavam. O percurso não tinha mais de trinta metros, mas a maioria levava um bom tempo para completá-lo, pois afinal eram burros, e não pôneis, e os burros param quando bem entendem. Os pais desesperados puxavam as rédeas com toda a força sem que os bichos avançassesem um centímetro. Davam tapas nas paletas sem que adiantasse nada, os burros continuavam parados. Uma criança estava chorando. O tempo inteiro a mulher que recolhia os bilhetes dava conselhos aos berros para os pais. Puxe com toda a força! Mais forte! Puxe, não vai acontecer nada. Força! Isso, assim!

- Está vendo, Vanja? — eu disse. — Os burros se recusam a andar!

Vanja riu. Me alegréi aovê-la alegré. Ao mesmo tempo eu estava meio preocupado com o que podia acontecer a Linda; a paciência dela não era maior que a de Vanja. Mas quando chegou a hora ela teve um desempenho impecável. Toda vez que o burrinho parava ela virava e tocava as costas na paleta do burro ao mesmo tempo que estalava os lábios. Linda costumava andar a cavalo quando era mais nova, por muito tempo a vida dela girou em torno dos cavalos, deve ter sido esse o motivo.

Heidi estava radiante. Quando o burro não se deixava convencer pelo truque, Linda puxava as rédeas com tanta força e tanta decisão que não sobrava espaço para a má vontade do bicho.